

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v17i29.754>

MODELOS ÉTICOS FEMININOS NA ROMA ANTIGA: uma análise sobre a construção da fama de Livia Drusila e Agripina Maior¹

WOMEN'S ETHICAL MODELS IN ANCIENT ROME: an analysis on the construction of the fame of Livia Drusila and Agrippina Maior

MODELOS ÉTICOS DE LAS MUJERES EN ROMA ANTIGUA: un análisis de la construcción de la fama de Livia Drusila y Agrippina Maior

CAROLINE MORATO MARTINS

Doutoranda em História/Universidade Federal de Ouro Preto/LEIR-UFOP

Mariana/Minas Gerais/Brasil

carol.mmorato@hotmail.com

Resumo: Neste artigo, apresentamos parte da investigação que temos feito acerca da fama de duas específicas personagens femininas do início do período imperial romano: Agripina Maior e Livia Drusila. Para tanto, discutimos múltiplas apresentações dessas figuras nas narrativas de Tácito e Suetônio, posteriores ao período Júlio-Cláudio sob o qual tais mulheres viveram. Analisamos como a construção ou reconstrução da fama ligadas às duas personagens convergem, nos Anais e nas Vidas dos doze césares, para uma alteração das condições ético-morais dessas mulheres. A alteração da fama de ambas é ocasionada pela morte de seus respectivos maridos. Ao tornarem-se viúvas, ambas se transformam nas narrativas: o padrão geral é que, de esposas virtuosas, elas passam a ser apresentadas como mães ambiciosas e movidas por vícios e poder. Neste sentido, delineamos, para estes dois casos, uma passagem da fama à infâmia por meio de balizas relacionadas ao matrimônio e maternidade.

Palavras-chave: *Exempla*. Ética. Mulheres Júlio-Claudianas.

Abstract: This article presents part of the research we have done on the fame of two specific female characters of the early Roman imperial period: Agrippina Maior and Livia Drusila. Therefore, multiple presentations of these figures are discussed in the Tacitus and Suetonius narratives after the Julio-Claudian period under which these women lived. It is analyzed how the construction or reconstruction of the fame linked to the two characters converge, in the Annals and the Lives of the twelve Caesars, for a change in the ethical and moral conditions of these women. The change in their fame is caused by the death of their respective husbands. When they became widows, they both became narratives: the general pattern is that from virtuous wives, they are presented as ambitious mothers, driven by vice and power. In this sense, it is outlined, for these two cases, a passage from fame to infamy through beacons related to marriage and maternity.

Keywords: *Exempla*. Ethics. Julio-Claudian Women.

Resumen: Este artículo presenta parte de la investigación que hemos realizado sobre la fama de dos personajes femeninos específicos del inicio del período imperial romano: Agrippina Maior y Livia Drusila. Con este fin, se discuten múltiples presentaciones de estas figuras en las narraciones de Tácito y Suetonio posteriores al período Julius-Claudius en que vivieron estas mujeres. Analizamos cómo la construcción o reconstrucción de la fama vinculada a los dos personajes convergen, en los Anales y en las Vidas de los doce Césares, para un cambio en las condiciones éticas y morales de estas mujeres. El cambio en sus famas es causado por la muerte de sus respectivos esposos. Cuando se convierten en viudas, ambas se transforman en narrativas: el patrón general es el de las esposas virtuosas, ellas pasan

¹ Artigo submetido à avaliação em junho de 2019 e aprovado para publicação em dezembro de 2019.

Outros Tempos, vol. 17, n. 29, 2020, p. 83 - 99. ISSN: 1808-8031

a ser apresentadas como mães ambiciosas, impulsadas por vícios y poder. Así, delineamos, para estos dos casos, un pasaje de la fama a la infamia a través de balizas relacionadas con el matrimonio y la maternidad.

Palabras Clave: *Exempla*. Ética. Mujeres Julio-Claudianas.

Introdução: exemplaridade, situação ética e fama

Há grande conferência entre a narrativa de Tácito e Suetônio² que nos faz perceber que a apresentação das figuras de Agripina e Lúvia é determinado pela alteração de seus laços familiares. A nova dinâmica resultante do fim do casamento por motivo de morte ou assassinato do marido, nestes casos, encaixa-se à ideia de variabilidade situacional de Rebecca Langlands: se uma ação pode ser considerada correta depende das circunstâncias em que é executada; assim, o que é certo para uma pessoa em uma situação pode não ser adequada para outra³. A ideia de que é importante levar em consideração o contexto ao avaliar um ato moral ou tomar uma decisão moral, e que as regras morais são, portanto, flexíveis e sujeitas a exceções e modificações, em vez de serem injunções universalmente aplicáveis, foi desenvolvida substancialmente pela filosofia moderna como ética da situação e contextualismo moral.

Um conceito muito semelhante, descrito por Inwood como “flexibilidade e variabilidade situacional”, é teorizado por Sêneca. Esse conceito foi desenvolvido dentro do pensamento estóico e é articulado por Sêneca como um meio de abordar um problema de longa data na ética estóica e aristotélica: como aplicar as injunções morais universais de uma

² Sobre a vida, obra e atuação do autor romano Públio Cornélio Tácito ou Caio Cornélio Tácito (54/56 d.C – 120 d.C, aproximadamente), muitas lacunas se apresentam, embora saibamos que foi questor, pretor e cônsul. Nos Anais, última obra de Tácito, o autor narra a história, ano a ano, do período de governo de imperadores Júlio-Cláudios, partindo de Tibério e chegando a Nero, portanto, abarcando o período entre 14 d.C e 68 d.C. Dos livros que compõem os Anais, nove sobreviveram completos, três se perderam e os livros V, VI, XI e XVI nos chegaram fragmentados, faltando, assim, a narrativa sobre todo o governo de Calígula, dos primeiros seis anos de Cláudio, e dos últimos três anos de Nero. De forma semelhante, muitas informações sobre Caio Suetônio Tranquilo (70 a.C – 141 d.C, aproximadamente) também não sobreviveram. Romano que exerceu advocacia e foi secretário particular do imperador Adriano, sua obra, *Sobre a Vida dos Doze Césares*, tem datação entre os anos 119 a 112 d.C e chegou até nós praticamente completa, exceto pela dedicatória e o princípio da vida de César. A fonte é muito reconhecida por seu caráter biográfico, tendo sido por este motivo já muito negligenciada pelos estudiosos no passado não muito distante. O foco na obra destinado à dinastia Júlio-Claudiana está do primeiro ao sexto livro, quando o autor dedicou um livro para o período da vida e do governo de cada um dos imperadores dessa dinastia, sendo: Livro I, César; II, Augusto; III, Tibério; IV, Calígula; V, Cláudio; e VI, Nero. Sobre as obras, seus respectivos autores, autoria e traduções do latim para o português: TAC. *Ann.* Trad. J. L. Freire de Carvalho. Prefácio de Breno Silveira. São Paulo: Ed. W. M. Jacksonville Inc, 1964. p. V-XXIV; SUET. *Vit.* Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Introdução de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Ed. Germape, 2003. p. 7-10.

³ LANGLANDS, Rebecca. Roman exempla and situation ethics: Valerius Maximus and Cicero De Officiis. *The Journal of Roman Studies*, v. 101, p. 100-122, 2011.

maneira que leve em consideração circunstâncias particulares⁴. De acordo com Matthew B. Roller, a avaliação estóica de Sêneca concentra-se nas bases sobre as quais a audiência que julga atribui valor moral aos atores e performances que observa. O autor indica que Sêneca preocupa-se principalmente com a dimensão moral da exemplaridade, como espera-se de um filósofo moral, embora também toque em suas dimensões retóricas e historiográficas⁵.

Desse modo, Matthew B. Roller pensou três dimensões da exemplaridade romana: a retórica, a ética ou moral e a historiográfica⁶. Nesta perspectiva, as funções sociais e culturais dos *exempla* podem ser pensadas em três vertentes que se interconectam, que se integram e que, muitas vezes, se confundem. Primeiro, os *exempla* são fundamentais para a argumentação e a persuasão romana, de modo que poderia realmente afetar a forma com que os romanos se comportam. Segundo, *exempla* são um componente essencial do discurso moral romano e que proporcionam o estabelecimento, a reprodução e a modificação dos valores sociais. Terceiro, eles pressupõem uma relação particular entre presente e passado e, portanto, constituem um tipo de consciência histórica⁷. Essas três funções podem estar profundamente interconectadas⁸, de modo que identificar muito claramente cada uma das partes dessa separação triparte torna-se, muitas vezes, difícil ou mesmo impossível. Porém,

⁴ Inwood baseia-se no trabalho de Frederick Schauer para produzir um modelo refinado de como essa variabilidade situacional pode permitir que regras morais sejam aplicadas de maneira sensível às circunstâncias: como diretrizes que geralmente devem ser usadas como auxílio ao raciocínio moral, mas que, quando a ocasião o exigir, pode ser dispensado. Isso permite ao raciocínio moral encontrar o equilíbrio entre a teoria abstrata e as demandas de um contexto particular. Cf.: INWOOD, B. Rules and reasoning in Stoic ethics. In: INWOOD, B. Inwood. *Reading Seneca: Stoic Philosophy at Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 95–131. O conceito de situação ética foi desenvolvido em um contexto cristão em: FLETCHER, Joseph. *Situation Ethics: the new morality*. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1966. Sobre aplicações a ética romana: MORGAN, T. *Popular morality in the early Roman Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

⁵ ROLLER, Matthew B. Exemplarity and stoicism. In: ROLLER, Matthew B. *Models from the past in Roman culture: a world of exempla*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 265-287.

⁶ ROLLER, Matthew B. *Models from the past in Roman culture: a world of exempla*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 10-17. Sobre esta terceira perspectiva dos *exempla*, considerando uma relação entre passado e presente como apresenta Roller, há alguns outros conceitos importantes para reflexão sobre as esferas sociais e culturais dos *exempla*. Estudo específico sobre o conceito de *virtus*, inserido na história política romana e pensado, mais especificamente, sob a perspectiva da moralidade, e que apresenta uma proposta sobre a relação de tal noção e a escrita histórica, está em: BALMACEDA, Catalina. *Virtus Romana: politics and morality in the Roman historians*. Chapel Hill, NC: The University of North Carolina Press, 2017. Um estudo desenvolvido sobre outro conceito chave, *pudicitia*, intrinsecamente relacionado aos *exempla* e ao conceito de *fama*, dentro da esfera ético-moral romana está em: LANGLANDS, Rebecca. *Sexual morality in ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

⁷ Essas três formas de entender a atuação dos *exempla* na sociedade é desenvolvida mais detalhadamente em: ROLLER, Matthew B. *Models from the past in Roman culture: a world of exempla*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 10-17.

⁸ Por exemplo, “a retórica persuasiva geralmente envolve discurso moral, e as figuras exemplares com cargas morais empregadas na argumentação romana tendem a ser extraídas do passado. Portanto, os romanos devem fazer certas suposições sobre como o presente deles se relaciona com o passado, para ser persuadido por argumentos morais que dependem de invocar figuras do passado”. ROLLER, Matthew B. *Models from the past in Roman culture: a world of exempla*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 11. Tradução nossa.

essa organização é útil para entendermos o contexto romano e tem orientado os estudos atuais sobre ética e moralidade romana, uma vez que, frequentemente, cada estudo faz reflexões majoritariamente sob a perspectiva de uma dessas três dimensões. Essas distintas dimensões da exemplaridade – a retórica, a moral e a historiográfica – são, portanto, centrais para o trabalho que os *exempla* fazem na cultura romana e todas são pertinentes, em graus variados, para cada estudo de caso⁹, incluindo o nosso sobre Lúvia e Agripina Maior.

Sobre a ideia de situações éticas, Langlands propõe que se trata da chave da estrutura ética romana e que, dentro dessa estrutura, *exempla* podem ser entendidos como ferramentas morais mediadoras entre o universal e o particular, considerando que, ao ler *exempla* e aplicá-los a decisões éticas, os romanos precisavam ter em mente o princípio da variabilidade situacional.¹⁰ Tal proposta permite-nos entender que os preceitos dos *exempla* não funcionam segundo uma fórmula prescritiva, como se as mulheres devessem ou não devessem fazer ou dizer isto ou aquilo, mas uma mulher específica, em condições dadas, deveria ou não deveria fazer ou dizer isto ou aquilo com tal ou para tal pessoa. Entendendo a formação e funcionamento dos *exempla* e seus usos para a sociedade romana e por seus autores, mais especificamente para este caso, Tácito e Suetônio, podemos entender a alteração ético-moral que Lúvia e Agripina atravessam ao perderem seus maridos, que são importantes figuras do Principado.

Apesar de não nos alongarmos na discussão sobre exemplaridade ou, de modo mais geral, sobre a estrutura ético-moral para o mundo romano do momento de escrita desses dois autores ou do período Júlio-Claúdio, indicamos ser central entendermos a situação de variabilidade ética dessas mulheres. Além disso, concordamos que a exemplaridade romana é um fenômeno cultural que abrange um conjunto particular de práticas sociais, crenças, valores e símbolos. Como estudos têm indicado, tal conjunto pode ser organizado e vinculado pelo ciclo de algumas operações, que Roller, apesar de seu formato prescritivo, definiu em quatro: ação, avaliação, comemoração e estabelecimento de normas¹¹. O que nos importa ressaltar sobre a esfera ética-moral na avaliação destes dois casos é que a morte de Augusto e Germânico é o que ocasiona a mudança do julgamento ético-moral dos autores que

⁹ ROLLER, Matthew B. *Models from the past in Roman culture: a world of exempla*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 10-17.

¹⁰ LANGLANDS, Rebecca. *Exemplarity ethics in ancient Rome*. Cambridge: United Kingdom; New York: Cambridge University Press, 2018.

¹¹ Para obter uma compreensão desse fenômeno e uma averiguação mais detalhada das quatro operações: ROLLER, Matthew B. *Models from the past in Roman culture: a world of exempla*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 4-8.

as descrevem, uma vez que é o fator, ou ponto da narrativa, a partir do qual as duas mulheres encontram a nova condição de viúvas, ao passo em que se situam em outra nova variação: se evidenciam como mães de figuras centrais para a sucessão imperial.

Outra noção que exerce função importante e que deve ser pensada a partir dos *exempla*, é a de *fama*. As situações éticas exercem força sob os *exempla* e desta tensão a *fama* surge. Importante para entender a noção romana de *fama*, são as ideias de *infamia* e *pudor*, estando as três diretamente relacionadas:

[...] os conceitos de *fama* e *infamia* foram importantes ferramentas culturais para a regulação do bom comportamento. *Infamia* era a perda formal da boa reputação (*fama*). Poderia ser uma consequência da condenação por certos tipos de crime, e tinha implicações legais - a perda de reputação através de comportamento vergonhoso significava um estigma legal que privou os cidadãos de muitos de seus privilégios legais. Esperava-se que o comportamento público fosse monitorado pelo olhar moralizador da comunidade, e cada indivíduo agisse de tal forma que sua *fama* não fosse manchada. *Infamia* também poderia, mais informalmente, surgir da desgraça incorrida pelo próprio crime, representando novamente uma internalização das regras impostas externamente. O medo da desgraça ou diminuição diante os olhos da comunidade foi claramente uma força importante para a regulação do comportamento na Roma Antiga. Reforçando as restrições contidas nas leis romanas, havia o conceito de *pudor* - um sentimento de vergonha e desconforto sócio-ético decorrente de uma consciência de si como foco constante do olhar moralizador da comunidade, que colocou restrições sobre o comportamento de um indivíduo¹².

Apesar de não empregarmos aqui o conceito de fama tão restritamente ao sentido mais possivelmente próximo ao romano, considerando seu par antagônico, *infamia*, pensamos que a fama de Agripina e Lúvia é construída nas obras de Tácito e Suetônio a partir da modelação que esses autores fazem dos comportamentos das duas mulheres nas situações éticas que as inserem. Por isso, a fama dessas mulheres não é algo constante, mas resultado de alterações – que podem ser pensadas dentro da ideia de *infamia* – de acordo com as razões e situações que os autores descrevem. Além disso, a fama é modelada na narrativa a partir das informações que esses autores acessam em sua época – posterior ao período em que Lúvia e Agripina viveram –, considerando que não sabemos ao certo como e a partir de quem acessaram tal passado. Muito do conhecimento sobre esse passado sobre o qual escrevem não teve registro escrito coetâneo, ao menos não sobrevivente, em grande medida devido ao contexto político perigoso e repressivo da época Júlio-claudiana¹³. Mas junto dessa

¹² LANGLANDS, R. *Sexual morality in Ancient Roman*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 18. Tradução nossa. Grifo do autor.

¹³ As informações que remetem às mulheres romanas que viveram sob a dinastia Júlio-claudiana, ou seja, sob os Principados de Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero, são narradas em fontes escritas exclusivamente por

transmissão de informação sobre o passado, ou da relação estabelecida por esses autores com o passado, opera também os efeitos da própria narrativa que fazem a partir de seus próprios julgamentos ético-morais. Assim, atuando na reconstrução do passado, a *fama* dessas mulheres é diretamente construída sob a perspectiva de Tácito e Suetônio, perspectiva esta posterior sobre os eventos e pessoas sobre as quais escreveram. Não parece exagero afirmarmos que a fama, vinculada à essas duas figuras femininas imperiais por esses autores responsáveis pelos únicos e não coetâneos relatos historiográficos sobre o período Júlio-claudiano, é resultante do delineamento ético-moral que eles próprios fazem dessas mulheres, modelando suas balizas e condições, de acordo com sua própria época e de acordo com o que provavelmente era comum pensar àquela época sobre tais mulheres¹⁴. Ou seja, o trabalho historiográfico na narrativa de Tácito e Suetônio, ao menos no tocante às mulheres que viverem sob a dinastia Júlio-claudiana, é um trabalho de remodelação da memória que se tinha de tais mulheres durante a época em que os dois autores viveram. Neste sentido, o trabalho de ambos os autores opera considerando a esfera da memória na cultura romana entre o período em viveu Lúvia e Agripina e o período em que Tácito e Suetônio fazem seus relatos, constituindo-se um exercício de recomposição da imagem geral – ressignificada através do texto – dessas mulheres. Tal imagem, possivelmente, esteve em transformação ao longo desse período, considerando: 1) o exercício do tempo que, entre outros efeitos, gerara a ênfase em alguns aspectos do perfil dessas mulheres, o esquecimento de outros e a remodelação dos eventos que as envolveram; 2) mudanças sobre quais episódios ou eventos se narraria, a partir de cada reescrita sobre tal passado feita por um autor pósteros ao período. A escrita da memória sobre Lúvia e Agripina feita pelos autores Tácito e Suetônio, também opera, como temos indicando, considerando a tradição exemplar: obras de autores precedentes aos dois autores¹⁵, e a esfera moral da sociedade a qual pertencia esses autores.

homens aristocratas e as principais fontes para pensar tal período são posteriores ao período, sendo seus autores: Tácito (*Anais*), Suetônio (*Vida dos Doze Césares*) e Dião Cássio (*História Romana*) e o anônimo da tragédia *Octavia*.

¹⁴ Lembrando que Tácito viveu entre 54/56 d.C e 120 d.C, aproximadamente, sendo os *Anais* sua última obra, ou seja, a obra é datada no final de sua vida. Já Suetônio teria vivido entre 70 a.C e 141 d.C, aproximadamente, e sua obra tem datação entre os anos 119 a 112 d.C. Há informações, pelas cartas de Plínio, o Jovem, que Plínio, Tácito e Suetônio trocavam cartas e tinham conhecimento da obra um do outro. Cf.: SYME, Ronald. *Tacitus*. Oxford: Oxford University Press, 1958. v. 1.

¹⁵ Os estudos sobre a exemplaridade ou tradição exemplar romana têm apontado como obras importantes e fundadoras do assunto, dentre os antigos, as obras ou parte de obras de inúmeros autores que escreveram em latim, tais como: Cícero, Valério Máximo, Tito Lúvio e Sêneca. Além disso, há precedentes no mundo grego, como por exemplo, Aristóteles.

Lívia: de viúva de Augusto a madrasta assassina

Com as considerações feitas anteriormente sobre o funcionamento dos *exempla* na sociedade romana, verificaremos, primeiramente, que são três as condições que modelam a variação ética para o caso de Lívia: a morte de Augusto, sua suposta relação com a morte de Agripa Póstumo e sua posição como mãe de Tibério.

Tácito, construindo uma imagem de Lívia como madrasta assassina, sobre a morte de Agripa Póstumo¹⁶, diz que se trata da “primeira atrocidade do novo Principado” (de Tibério)¹⁷. Contudo, talvez Augusto nunca tenha adotado este neto, mas somente os seus irmãos, Caio e Lúcio. Na narrativa, Tibério teria atribuído a intenção de assassinato de Agripa a Augusto, apesar do parentesco. Lembrando que Agripa Póstumo, Caio e Lúcio são filhos de Júlia, a velha, filha única de Augusto, tendo os três sido enteados de Tibério, assim como Júlia, a jovem, e Agripina Maior, sendo que Tibério se divorciou de Júlia devido a supostos adultérios por ela cometido. Para Tácito, somente Tibério e Lívia, na condição de madrasta, teriam interesse por tal morte. Assim, Tácito afirma que Lívia, por ciúmes de madrasta, e Tibério, por medo, apressaram os dias de um moço que lhes era odioso¹⁸. Já Suetônio relata que, com a morte de Augusto, Agripa Póstumo é assassinado pelo tribuno militar encarregado de sua guarda, sendo que ele já estava desterrado na ilha Planasia. A ordem teria sido ditada pelo próprio Augusto ou por Lívia, com ou sem consentimento de Tibério¹⁹.

Tácito, ao relatar tal assassinato, está, ao mesmo tempo que construindo uma nova imagem de Lívia, como madrasta cruel e mãe ambiciosa, moldando outra ideia negativa que a liga ao filho herdeiro do Império: o poder de Tibério e suas ambições quanto à república são apenas frutos de “violência preparada por intrigas feminis, e pela adoção de um velho”²⁰. Ao que parece lendo Tácito, o fato de Lívia ser mãe de Tibério acrescenta e aprofunda seus defeitos: ele ficaria refém dos caprichos da mãe, servindo uma mulher. Isto e sua servidão

¹⁶ Sua mãe, Júlia, a velha, “fora dada em matrimônio a Tibério, ainda em tempos dos Césares Caio, e Lúcio; porém desprezava o marido como seu inferior; e esta foi a razão principal porque ele se retirou para Rodes. Assim que entrou de posse do Império, calculando que a morte dela, ao longe, seria menos sentida, e achando-a banida e infamada, a fez enfim morrer lentamente de miséria e de fome, já quando lhe havia roubado todas as esperanças, depois da perda de seu filho Póstumo Agripa”. Cf. TÁCITO. *Anais*. I, 52. Trad. J. L. Freire de Carvalho. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1964. Todas as passagens referentes a obra *Anais* e citadas ao longo do texto são desta referida edição.

¹⁷ TÁC. *Anais*. I, 6.

¹⁸ TÁC. *Anais*. I, 6.

¹⁹ SUTÔNIO. *Os doze césares*. III, 22. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Germape, 2003. Todas as passagens referentes a obra *Os doze césares* e citadas ao longo do texto são desta referida edição.

²⁰ TÁC. *Anais*. I, 7.

também aos jovens filhos, de acordo com o autor, culminariam na dissolução da República. Ele diz: com “os feminis caprichos de sua mãe, ficava exposto a servir uma mulher, e depois a dois mancebos [Germânico e Druso], que principiando por oprimir a República, acabariam por desmembrá-la”²¹.

Com o assassinato de Agripa Póstuma correspondendo a uma manobra de Lívía para a ascensão de Tibério, Tácito a define, devido aos crimes que comete e sua influência sob Tibério, como “mãe fatal para a República, e madrasta ainda mais fatal para a casa dos Césares”²².

Contudo, vemos que a atuação interventora de Lívía na casa imperial se dá já com o enfraquecimento de Augusto por motivo de doença e idade avançada. Tácito sugere que a morte de Augusto, ou a velocidade dela, teria sido “ajudada pelas maldades da mulher”²³. Além disso, Lívía teria controlado o leito de morte de Augusto e as notícias de sua doença²⁴. Ao falar sobre a “arte que esta mulher tinha de se apoderar do espírito do velho Augusto”²⁵, o autor afirma que Lívía foi quem o teria feito desterrar para a ilha de Planásia o único neto que lhe restava: Agripa Póstumo²⁶. Assim, Lívía é apresentada como inescrupulosa, cometendo crimes injustos ao ser responsável pela morte do herdeiro-neto de Augusto. Já estando mortos também Lúcio César, adotado pelo avô Augusto e que seria coerdeiro junto ao irmão mais velho, Caio, e também morto o filho de Lívía, Druso, restara apenas Tibério, enteado adotado por Augusto, finalmente como herdeiro e sucessor após a morte de Agripa Póstumo. Desse modo, surge na narrativa uma Lívía como madrasta cruel e injusta, e mãe que manobra sob a ambição de poder conferido ao seu filho, que asseguraria poder para si mesma.

A corrida de Lívía pelo poder teria ponto inicial na posse do espírito de seu marido velho e doente: após a morte deste, tomou para si excessiva ambição e nunca cessou a disputa por poder com seu filho. Sobre isso, Suetônio diz que Tibério:

[...] acusava ela de pretender partilhar com ele o império. Evitava encontrá-la, para não parecer que pautava seus conselhos, mas vez ou outra os recorria e mesmo obedecia. Ficou indignado pela sugestão de senadores do título “Filho de Lívía”, análogo ao “Filho de Augusto”, tendo lhe negado qualquer honra extraordinária,

²¹ Tácito. *Anais*. I, 4.

²² Tácito. *Anais*. I, 10.

²³ Tácito. *Anais*. I, 6.

²⁴ Tácito. *Anais*. I, 5.

²⁵ Tácito. *Anais*. I, 3.

²⁶ Além disso, diz Tácito que, talvez também por malícia da madrasta Lívía, morreu o irmão de Agripa Póstumo, Caio César, que estava ferido após voltar da Armênia: “ainda não bem curado de uma ferida: e não se sabe se por fatalidade, ou, pois tendo já morrido Druso, só dos enteados restava Tibério Nero”. Cf. Tácito. *Anais*. I, 3.

incluindo ser chamada “Mãe da Pátria” e recomendava-lhe que ficasse longe de assuntos graves, impróprios para mulheres²⁷.

Ainda segundo Suetônio, “rompimento final de Tibério com Lúvia, teria sido, segundo alguns, o motivo de seu retiro de três anos longe de Roma. Quando a mãe morreu, atrasou o funeral, de modo que o corpo já se decompunha e não lhe permitiu os desejos quanto ao funeral e nem sua apoteose”²⁸. Já Tácito relata que Tibério não aprovou honras a ela, dizendo: “Que se devia guardar moderação nas honras concedidas às mulheres [...]. Mas o motivo verdadeiro era os ciúmes, que o devorava: receava que os obséquios feitos à mãe diminuíssem de alguma forma a sua autoridade, não consentiu que lhe desse [...] distinções”²⁹.

A partir do que apresenta Tácito e Suetônio sobre Lúvia, podemos entender que, como personagem feminina, ela assume um novo lugar ao se tornar viúva do primeiro e elogiado imperador romano. Concomitantemente a tal mudança de situação, o delineamento ético de Lúvia se altera e passa a ser apresentado por meio de uma postura competitiva. Primeiramente, ela atuaria na morte do marido velho e doente e, em seguida, atuaria para promover o filho, Tibério, que sucedeu ao seu falecido marido. Porém, como mãe do novo imperador, tendo já cometido assassinato e outras ações claramente repudiadas pelos autores, Lúvia surge como figura inescrupulosa, movida pela ambição, e que passa a pretender o império e agir como quem quer controlar o imperador – seu próprio filho. Pela razão de seu filho ter sido um dos concorrentes ao poder imperial, evidencia-se narrativamente uma Lúvia que, acumulando poder para si, é protagonista de uma sequência de atuações criticadas, que resulta na competição e, por fim, ela recebe, postumamente, a negação de honras por parte de seu filho.

Agripina Maior: de esposa exemplar a mãe ambiciosa

Para o caso de Agripina, veremos como o assassinato do marido, Germânico, altera sua situação ética, mais especificamente, por meio da nova condição de sua relação com Tibério, considerando tentativas de manobras dela para promover um de seus filhos ao lugar de imperador ou, em sentido que Tácito muitas vezes sugere, as obcecadas manobras para garantir o legado de seus descendentes.

²⁷ SUET. *Os doze césares*. III, 50.

²⁸ SUET. *Os doze césares*. III, 51.

²⁹ Tácito conta que “grande foi a adulação dos senadores para com Augusta; votando uns que lhe desse o título de *mãe*; outros, de *mãe da pátria* e o maior número que, ao nome do César se acrescentasse o de *filho de Júlia* (outro nome de Lúvia) [...]”. TÁC. *Anais*. I, 14.

Pelo enorme contraste, Tibério, segundo Tácito, tinha medo de Germânico, comandante prestigiado e que era tão adorado do povo³⁰. Suetônio afirma que Tibério desprezava o filho Druso³¹ e o adotivo Germânico, tendo mandado matar por mão de Pisão este segundo³². Teria confirmado essa suspeita, segundo Suetônio, tendo tratado com crueldade a mulher e filhos de Germânico³³. O assassinato de Germânico é central para mudança da fama entorno de Agripina Maior na narrativa de Suetônio e, principalmente, de Tácito. Em semelhança à Lúvia, o assassinato do marido é o ponto inicial da alteração de sua situação ética. Condição determinante também, neste caso, é a alteração de sua relação com Tibério, que se reconfigura em postura competitiva, uma vez que Agripina atua de forma a favorecer seus filhos descendentes de Germânico e que concorrem ao poder imperial. Germânico era filho de Druso, portanto, neto de Lúvia e sobrinho de Tibério, que o adotou. Após a morte de Germânico, o herdeiro de Tibério seria seu filho biológico, chamado Druso Júlio César³⁴. Ele teria sido, segundo Tácito, assassinado em disputa com Sejano, que teria seduzido e formado aliança com sua esposa Lúvia³⁵. Suetônio narra o mesmo sobre a morte de Druso³⁶.

A primeira menção que Tácito faz a Agripina é ao relatar a propagação da notícia de morte de seu avô Augusto. Enfatizando tal parentesco, Tácito inicia uma descrição elogiosa à mulher³⁷. Ao mesmo tempo em que essa primeira imagem positiva de Agripina é relacionada à sua ligação matrimonial com Germânico, acontece também um rebaixamento por ela já ser apresentada como mãe de Calígula³⁸. Tácito relata a exposição de Agripina ao perigo, elogiando-a, em contexto de morte de Augusto e sedição de parte do exército, com a revolta de algumas legiões. Ele ressalta constantemente a ideia de Germânico ser temido por Tibério e mesmo Lúvia por sua popularidade e destaque, consequências da sua carreira e feitos militares. Diz Tácito que Germânico tinha:

³⁰ TÁC. *Anais*. I, 7.

³¹ Druso Júlio César é o filho biológico, que aparentemente morreu de causas naturais e Druso César é o adotivo, filho biológico de Agripina e Germânico, e que morreu acusado de tramar contra Tibério após a morte de sua mãe e seu irmão Nero.

³² SUET. *Os doze césares*. III, 52.

³³ SUET. *Os doze césares*. III, 52.

³⁴ Em homenagem ao tio, filho morto de Lúvia.

³⁵ TÁC. *Anais*. II, 84; IV, 12.

³⁶ SUET. *Os doze césares*. III, 62.

³⁷ TÁC. *Anais*. I, 33.

³⁸ Dizendo Tácito: “tudo isto sofria, não só a filha de Agripa, a neta de Augusto, e a nora de Druso, tão insigneiramente fecunda e tão casta, porém o mesmo filho infante, nascido dentro dos quartéis, educado no meio das legiões, e que na frase militar tinha o nome de *Calígula*”. Cf. TÁC. *Anais*. I, 41.

[...] os ódios do tio, e da avó; tanto mais temíveis, por serem injustos: porque todos eles nasciam de que, conservando sempre o povo romano uma saudosa memória por Druso, na persuasão que, se tivesse governado, lhe haveria restituído a liberdade, mostrava agora por Germânico a mesma afeição; porque também nele punha as mesmas esperanças. Com efeito, suas maneiras populares, e sua nímia afabilidade e doçura, faziam uma diferença absoluta do arrogante e misterioso Tibério³⁹.

Neste sentido, Tácito acrescenta que o ódio de mãe e filho se direcionam também a Agripina: “acresciam ainda as ofensas feminis, que tinham princípio nos ciúmes da madrasta Lúvia contra Agripina: mas também esta tinha uma altivez grande de gênio; e só merecia desculpa; porque, sendo casta e amiga do marido, toda sua aspereza se dirigia para o bem”⁴⁰. Neste contexto perigoso de sedição do exército, em suposto discurso que Germânico teria proferido, segundo Tácito, ele enfatiza a proteção à mulher, como genitora de herdeiro-neto de Augusto e nora de Tibério⁴¹.

Além disso, Tácito já dá indícios da grande aceitação e mesmo influência de Agripina sob o exército, já que constantemente acompanhava, em alguma medida até substituindo a liderança militar do marido, estando enormemente presente em tal ambiente. Diz Tácito:

[...] enquanto isso [...], tinha corrido fama de que o exército se achava cercado, e que os Germanos iam entrar nas Gálias com todo o ar de vencedores. Se não fosse Agripina, havia já cobardes, que intentavam abaixo uma ponte, que estava no Reno: mas esta heroína impediu tão vergonhoso atentado; e fazendo as vezes do general em todos aqueles dias, distribuiu socorros aos soldados pobres e feridos. Conta C. Plínio, o historiador das guerras da Germânia, que ela mesma estivera no princípio da ponte, fazendo elogios, e dando agradecimentos às legiões, que voltavam. Isto, porém, ulcerou profundamente o coração de Tibério⁴².

É importante destacarmos que essa atuação de Agripina junto ao exército, neste caso, não é criticada e nem indicada para indicar críticas a fraquezas de Germânico. Isto demonstra a noção de que há uma variabilidade ética quanto ao emprego de *exempla*, uma vez que não há modelos fixos que devem ou não devem ser cumpridos sob prescrições comportamentais, mas sim situações éticas que dependem de quem, com quem e onde se dão. Assim, ao elogiar Agripina como companheira de Germânico e atuante no ambiente militar do marido, Tácito assinala a ameaça que ela, e o casal de modo geral, representava para Tibério.

Agripina tinha força na disputa na sucessão imperial por sua popularidade e reconhecidas virtudes, mas também por gerar descendentes diretos de Augusto, tanto por

³⁹ TÁC. *Anais*. I, 33.

⁴⁰ TÁC. *Anais*. I, 33.

⁴¹ TÁC. *Anais*. I, 42.

⁴² TÁC. *Anais*. I, 69.

parte dela quanto do marido. Tácito, ao relatar sua autoridade diante das tropas e glória por dar fim à sedição, ao mesmo tempo que introduzia seu filho, Calígula, vestido como soldado, diz que isso seria um confronto e rebaixamento da autoridade imperial, uma ofensa e ameaça intolerável para Tibério:

[...] quando uma mulher fazia a revista das tropas, se punha no meio das bandeiras, fazia donativos, e por uma afetação nunca vista trazia vestido o próprio filho do general à maneira dos soldados, e de boamente consentia que ao César se desse o nome de Calígula; que sombra de autoridade podia estar reservada para a pessoa dos imperadores? Agripina era muito mais respeitada pelos exércitos, do que os mesmos legados, e os mesmos generais; pois que uma mulher pudera sossegar uma sedição, que o nome do príncipe não pudera impedir⁴³.

Plancina⁴⁴, aliada de Lívía e esposa de Pisão, que comandava províncias sob poder proconsular equiparável à Germânico, foi outra figura que se opunha à Agripina e Germânico na disputa em meio à sucessão imperial. Tácito diz que ela difamava o casal devido a tal ação não desagradar a Tibério⁴⁵. Germânico, no momento de sua morte, teria se identificado como vítima deste casal⁴⁶. Tácito indica que, na hora de sua morte, Germânico para Agripina, “[...] em particular dissera coisas que bem mostravam os grandes receios que tinha de Tibério”⁴⁷, de modo que parece sugerir que Germânico alertara a Agripina sobre os perigos que ela ainda deveria enfrentar e mesmo poderia ter suscitado nela a vontade por vingança e disputa por poder perante Tibério. Isto porque acontece uma mudança na apresentação taciteana sobre Agripina após tal morte. A situação ética da viúva Agripina é radicalmente diferente e resulta no surgimento de uma viúva desequilibrada em comparação àquela Agripina esposa do ilustre Germânico. O desequilíbrio parece motivado pelas injustiças do destino da mulher, que resultara em sua busca por vingança e ambição, como Tácito indica: “viam uma mulher tão ilustre, há pouco tão ditosa com um tão belo matrimônio, e adorada de todos, agora só depositária de relíquias sepulcrais, ansiosa por vingar seu marido, ignorando a sua sorte, e por uma infeliz fecundidade ainda exposta a mil reveses da fortuna”⁴⁸.

⁴³ Tácito. *Anais*. I, 69.

⁴⁴ Segundo Tácito, ela não se continha dentro dos limites do que convém ao decoro de uma mulher. Cf. Tácito. *Anais*. II, 55.

⁴⁵ Tácito. *Anais*. II, 55.

⁴⁶ Lamentou “acabar por as artes de uma mulher” e, entre outras coisas, teria exigido ao senado vingança pelo crime que sofreu. Cf. Tácito. *Anais*. II, 71.

⁴⁷ Tácito. *Anais*. II, 72.

⁴⁸ Cf. Tácito. *Anais*. II, 75. Em meio ao luto de Agripina no funeral do marido (Tácito. *Anais*. III, 1), diz Tácito que Tibério não “dissimulava a suma alegria que tinha com a morte de Germânico” (Tácito. *Anais*. III, 2), assim como sua mãe Lívía, e a amiga Plancina, também não lamentaram (Tácito. *Anais*. II, 3).

Agripina enquanto viúva surge como uma projeção da virtuosidade de seu marido falecido. Porém, aclamada como exemplo moral e portadora de legítimo poder advindo de Augusto, cada vez mais representava juntamente a seus descendentes perigo à Tibério, pois

[...] nada chegou tanto ao vivo a Tibério como a extraordinária afeição que todos mostravam ter por Agripina: chamavam-na a glória da pátria, o único ramo do sangue de Augusto, e o único retrato dos belos costumes antigos; e erguendo as mãos para o céu e para os deuses, pediam-lhes, que conservassem ilesos seus filhos, e os defendessem da maldade dos perversos⁴⁹.

Em meio ao relato sobre o luto de Agripina, Tácito lembra que “o divino Júlio e o divino Augusto, os quais, apesar de ter o primeiro perdido sua filha única, e o segundo todos os netos, assim mesmo, ambos souberam limitar as suas mágoas”⁵⁰, concluindo com a ideia de que *principes mortalis, rem publicam aeternam esse*⁵¹. Tal ideia reafirma àquela apresentada por Tácito sobre um suposto sonho⁵² que Germânico teria tido com a avó, Lívia, e que traz a noção de que o destino correto e justo seria, com o presságio do sacrifício do próprio Germânico, sua descendência herdar o que lhe é legítimo ter: o poder imperial, que seria representado na figura de um de seus filhos, que acabou sendo Calígula.

Sobre a ameaça e medo de manobras de Agripina que o imperador teria, Tácito fala que “Sejano afirmava para Tibério estar já Roma dividida em partidos, como nos tempos das guerras civis; e que mesmo havia já indivíduos que se intitulavam do partido de Agripina”⁵³. Sejano acumulara grande poder e influência, conspirando até contra o herdeiro de Tibério, Druso, e na competição pela sucessão imperial, Tácito já afirmara que Agripina lhe inspirava ódio⁵⁴. Sejano também quis se casar com a viúva de Augusto, Lívia. Segundo o autor, Agripina, já como grande rival de Lívia, sendo cultivada uma crescente inimizade entre as duas⁵⁵, opôs-se ao casamento, afirmando que o matrimônio causaria grande discórdia e novo partido na família dos Césares⁵⁶.

Apesar de ter rivais como Lívia, Plancina e Sejano, Agripina tinha alianças em Roma, tendo alguns sofrido punições advindas de Tibério devido à amizade com Agripina.

⁴⁹ Cf. Tácito. *Anais*. II, 4.

⁵⁰ Tácito. *Anais*. III, 6.

⁵¹ “Os príncipes eram mortais, mas que a república era eterna”. Cf. Tácito. *Anais*. III, 6.

⁵² Tácito. *Anais*. II, 14.

⁵³ “[...] ao que se não se desse logo um pronto remédio, podia muito bem ter consequências funestas. Que não havia pois outros meios para abafar na sua origem estas discórdias senão castigar fortemente um ou outro chefe dos mais atrevidos”. Cf. Tácito. *Anais*. IV, 17.

⁵⁴ Tácito. *Anais*. I, 69.

⁵⁵ Tácito. *Anais*. IV, 12.

⁵⁶ Tácito. *Anais*. IV, 40.

Um exemplo é sua prima Cláudia Pulcra, segundo Tácito, acusada de adultério simplesmente por compor força junto a Agripina. Ele narra: “Agripina, naturalmente violenta, e agora muito mais furiosa pelo perigo que corria a sua parenta, foi imediatamente falar com Tibério”⁵⁷. Agripina apresenta-se agora, na narrativa taciteana, completamente imoderada, movida pelo desejo de poder e vingança, com Tácito apresentando a resposta repreendedora que o imperador teria dado a ela, em grego: “que o não reinar era toda a sua ofensa”⁵⁸. Em Suetônio, coincidem as palavras que Tibério teria dito: “*Crês-te ofendida, filhinha, por não dominares?*”⁵⁹. Diz Suetônio que o imperador parou de falar com ela e de convidá-la para comer, pois ela recusava os alimentos, com medo de ser envenenada e a banuiu para a ilha Pandatária, ainda mandando um centurião espancá-la e arrancar-lhe um olho. Ela quis morrer de fome, mas ele mandou que ela fosse alimentada à força. Perseguindo-a, fez o dia de seu nascimento se tornar nefasto⁶⁰. Já Tácito diz que Sejano, instigando a rivalidade de Agripina por Tibério, teria feito Agripina pensar que Tibério estaria conspirando contra ela e planejando um envenenamento, narrando uma situação em que Agripina teria recusado comer um fruto que o imperador lhe deu, dissimulando ao aceitar o presente e depois entregando aos escravos, quando “Tibério disse para Lívia: ‘que a ninguém já poderia causar admiração se o vissem tratar com mais rigor uma mulher’, que publicamente estava dando a entender que ele a queria envenenar”⁶¹.

Um aspecto desse contexto de disputa entre Agripina e Tibério é indicado por uma menção que Tácito faz de uma preferência de Agripina Maior por seu filho Nero César

⁵⁷ “[...] a quem por acaso encontrou fazendo um sacrifício a seu pai. Esta circunstância, inflamando ainda mais a sua cólera, rompeu então para com ele nas seguintes palavras: - E está bem ao mesmo homem sacrificar vítimas à divindade de Augusto, e perseguir ao mesmo tempo os seus descendentes? Ou está, por ventura, difundindo o seu espírito divino nessas estátuas insensíveis e mudar? Não: ele o está em mim, verdadeira imagem sua, e gerada de seu sangue celeste! Apesar disso, vejo-me agora indiretamente ameaçada, e exposta não só a todos os perigos, mas até à mesma ignomínia. Nem os crimes de Pulcra são mais do que um pretexto; porque o único e imperdoável, que ela tem cometido, é o mostrar-se indiscretamente minha amiga [...]”. Cf. TÁC. *Anais*. IV, 52.

⁵⁸ TÁC. *Anais*. IV, 52. Agripina, em tom apelativo e, talvez, de dissimulada ameaça, teria dito a Tibério: “que se compadecesse do seu estado de viúva; que lhe faliu desse um marido, porque ela ainda estava em idade de casar-se; que as mulheres honestas não podiam encontrar outras consolações senão no matrimônio; e que na cidade havia muitas pessoas que de boamente se quereriam encarregar da mulher e dos filhos de Germânico”. Cf. IV, 52. IV, 53. Tácito diz que: “o César, que bem conhecia toda a importância desta petição, e não lhe queria dar a saber nem os seus receios, nem os seus ressentimentos, calou-se, e se retirou sem lhe dar a resposta que ela com tanta instância lhe pedia”. Cf. TÁC. *Anais*. IV, 53. Tácito informa sobre a circunstância não ser relatada por nenhum historiador e que encontrou nos “comentários de sua filha Agripina (Menor), que depois foi a mãe de Nero, e escreveu a sua vida, assim como os sucessos de toda a sua família”. Cf. TÁC. *Anais*. IV 53. Na narrativa taciteana sobre essa discussão não fica claro se Agripina está, de fato, ameaçando Tibério em criar uma nova aliança matrimonial ou se está somente buscando, talvez, certa permissão ou apoio para um novo casamento, ou mesmo somente suplicando sua sobrevivência.

⁵⁹ SUET. *Os doze césares*. III, 53.

⁶⁰ SUET. *Os doze césares*. III, 53.

⁶¹ TÁC. *Anais*. IV, 54.

em vez de Druso, enquanto Sejano favorecia este segundo⁶². O autor coloca Agripina e Nero como vítimas públicas e insidiosas de Sejano⁶³. Também relata uma fala de Tibério sobre seus inimigos lhe armarem traições e sobre o risco de vida que corria com referência a Nero e Agripina⁶⁴. A oposição de Tibério tão declaradamente pública foi demonstrada por sua ausência no funeral de sua mãe, Lívía, ocasião em que o bisneto C. César Calígula, ou seja, o filho de Agripina, fez o seu elogio fúnebre⁶⁵: Tibério não comparece, além de não recomendar a apoteose da mãe, advertindo sobre adutores de mulheres⁶⁶. Tácito também menciona uma carta de Tibério para Agripina e Nero, que não teria sido enviada anteriormente por respeito a Lívía⁶⁷. Em meio à disputa, Tibério acusa Nero de obscenidade, porém, segundo Tácito, o povo estaria a favor de Nero, tendo carregado imagens dele em procissão⁶⁸. Mas, ao mesmo tempo, cercavam a cúria também a favor de Tibério⁶⁹. Segundo Tácito, “se espalhou um rumor de que a morte de Agripina tinha sido decidida, porém que o César, receando a presença dos romanos, procurava solidão para aí executar este crime”⁷⁰. Apesar da lacuna no texto taciteano, sabemos do destino de Agripina quando o autor fala sobre a morte de Druso, dizendo que, em suas últimas palavras, teria acusado Tibério de ter assassinado a nora, entre outros males que causou à família⁷¹. E, também, ao fazer uma consideração sobre a morte de Agripina, falando sobre ela: “altiva por caráter, e grandemente ambiciosa, trocou sempre os vícios e apetites das mulheres pelos bríos e sentimentos varonis”⁷². Morreu no mesmo dia em que, dois anos antes, Sejano foi executado, de modo que foi decretado que na época dessas duas mortes fosse feita oferta a Júpiter⁷³.

⁶² TÁC. *Anais*. IV, 60.

⁶³ TÁC. *Anais*. IV, 67.

⁶⁴ TÁC. *Anais*. IV, 70.

⁶⁵ TÁC. *Anais*. V, 6.

⁶⁶ TÁC. *Anais*. V, 2.

⁶⁷ TÁC. *Anais*. V, 3.

⁶⁸ TÁC. *Anais*. V, 4.

⁶⁹ TÁC. *Anais*. V, 4. Descreditando sua carta, que diziam ser falsa e que não era a vontade do príncipe perder toda a sua família. Já a ira contra Sejano é aumentada. Ainda assim, Tibério renova e reforça as acusações contra Agripina e Nero. TÁC. *Anais*. V, 5.

⁷⁰ TÁC. *Anais*. IV, 54. Porém, estes não são punidos com “penas capitais”, ocorrendo o desterro para a ilha Pandatária, mas o trecho de Tácito referente a tal desfecho foi perdido. Assim, há a primeira lacuna do texto, referente a três anos: parte do ano de 782, todo o ano de 783 e quase todo o de 784. Neste tempo, houve o desterro de Agripina para a ilha de Pandatária e o de seu filho, Nero, para a ilha Pôncia, onde morreu de fome, além da condenação de seu irmão, Druso, que foi morto nos fundos do palácio. Também ocorreu a prisão de Galo e a conspiração de Sejano, que caiu em desgraça arrastando consigo Lívila, sua cúmplice, e seus filhos, sendo que Tibério havia prometido a mão dela a Sejano.

⁷¹ TÁC. *Anais*. VI, 24.

⁷² TÁC. *Anais*. VI, 25.

⁷³ TÁC. *Anais*. VI, 25. Dia 15 antes das calendas de novembro: 18 de outubro. Além disso, Tácito diz que a morte de Agripina trouxe a de Pláncina que, acusada de crimes evidentes, matou-se, tendo sido casada com Cn. Píson, que também caiu em desgraça. Ela era protegida de Lívía, mas tinha inimizade com Agripina. TÁC.

Conclusão

Concluimos que há variações das representações de Lívia e Agripina, desde esposa exemplar e virtuosa imperatriz à madrasta assassina, injusta e que busca incessantemente a ascensão dos filhos, mas que, mesmo quando é este o resultado, extrapolam seus lugares como mães e competem por poder. Neste sentido, percebemos que há uma variabilidade sobre quais ações são criticadas, ou não, pelos autores, dependendo da situação em que tais mulheres são colocadas. A alteração dessas representações modela a fama que os autores constroem e transmitem sobre elas, de acordo com as variações que traçam sobre o comportamento ético-moral de cada uma.

Pensamos que nessas narrativas há evidência da atuação dessas mulheres que teriam buscado e conseguido um grande poder na *Domus Caesaris*. Ainda que os autores, muitas vezes, reprovem esse poder que seria excessivo e que teria ainda implicações para fora da *Domus*, como a acusação de Lívia tentar partilhar com Tibério o Império ao lhe dar conselhos e de Agripina competir com o imperador, causando comoção pública em seu próprio favor, acreditamos que trazem inúmeros indícios de uma nova dinâmica entre os espaços privados e públicos e, principalmente, sobre a atuação feminina nesses espaços. Um exemplo que mostramos está em Lívia que, supostamente, assassinou Agripa Póstumo, de forma que, a partir de seu lugar como imperatriz e, esperava-se, limitado à esfera doméstica, interferiu na sucessão imperial, ou seja, ela alcançou consequências políticas por meio de sua atuação doméstica. O mesmo podemos dizer sobre o controle de Lívia sobre as notícias de morte de seu marido-imperador, atuando publicamente para favorecer a seu filho como futuro imperador e, quando este se tornou, teria intervindo diretamente em seu governo, novamente atuando no ambiente privado para atingir resultados para além da *Domus Caesaris*, de forma a causar conflitos entre o novo imperador e a mãe, acusada de tentar exercer o próprio papel do imperador. De modo semelhante, Agripina, também no seio doméstico, atua performando para favorecer seus descendentes e a si mesma no jogo político pela sucessão imperial, assim como para proteger-se ou mesmo vingar-se perante o imperador pelo assassinato de seu marido. A partir da narrativa dos eventos que envolvem essas mulheres, com a análise da

Anais. VI, 26. Já Suetônio relata que, após a condenação de sua nora e netos por parte de Tibério, só viajavam acorrentados. SUET. *Os doze césares*. III, 64 e que Tibério a banuiu para a ilha Pandatária, tendo mandado espancá-la e que lhe fosse arrancado um olho, e que tentou matar-se de fome, mas ele mandou que fosse alimentada à força. Também fez o dia de seu nascimento se tornar nefasto. SUET. *Os doze césares*. III, 53.

descrição do comportamento delas e as das situações em que elas são inseridas, foi possível refletir sobre a dimensão ética da exemplaridade romana, indicando a importante atuação dos *exempla* na construção da fama de Lívia Drusila e Agripina Maior e demonstrando que *exempla* são fundamentais para entendermos os múltiplos perfis ético-morais traçados pelos autores para uma mesma figura feminina imperial.